

## DO ANONIMATO À VITÓRIA: AS PRIMEIRAS MEDALHAS OLÍMPICAS FEMININAS DO BRASIL E A IMPRENSA ESPORTIVA EM ATLANTA-1996

**Simone Marina Pompeu Coelho**

Aluna de Jornalismo (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

**José Carlos Marques**

Professor Doutor (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

### RESUMO

*A prática esportiva, na Antigüidade, era exclusivamente masculina. Às mulheres cabia somente a entrega das medalhas. Com o movimento feminista o espaço delas no esporte começou a ser conquistado pouco a pouco. Em 1996, em Atlanta (EUA), no centenário dos Jogos Olímpicos Modernos, elas já representavam 35,1% do total de atletas. Este estudo procura analisar de que modo os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo reconstruíram a participação feminina na Olimpíada de Atlanta, competição em que, pela primeira vez na história, mulheres brasileiras conquistaram medalhas.*

### ABSTRACT

*During the Antiquity, the sporting practice was exclusively masculine, and the women only gave the medals to the sportsmen. Past the feminist revolution her space at the sport was overcome. In 1996, in Atlanta (USA), during the celebration of centenary of the Modern Olympics Games, they had represented 35,1% of the athlete. This study has the purpose to analyze how the newspapers Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo constructed the feminine involvement in the Atlanta Olympics games, competition where, for the first time in Brazilian history, women they had conquered medals.*

### RESÚMEN

*La practica deportiva, en la antigüedad, era exclusivamente masculina. A las mujeres les cabía solamente la entrega de las medallas. Con el movimiento feminista el espacio de ellas en el deporte fue conquistado poco por poco. En 1996, en Atlanta (1996), en el centenario de los Juegos Olímpicos Modernos, ellas ya representaban 35,1% de los atletas. Este estudio busca analizar cómo los periódicos Folha de S. Pablo y O Estado de S. Paulo habían reconstruido la participación femenina en el Olimpíada de Atlanta, competición en donde, por primera vez en historia brasileña, las mujeres ellas habían conquistado las medallas.*

O esporte é uma forma de lazer que, em tese, deveria trazer benefícios à saúde e fomentar a noção de responsabilidade social, por meio do sentimento de coletividade e união. A evolução dessa atividade gerou profissionais que se envolvem em competições e representam um grupo, uma cidade ou um país. O jornalismo esportivo tem como finalidade transmitir e, indiretamente, incentivar a prática das diferentes modalidades esportivas. Durante a época dos campeonatos mundiais, cada esporte, em diversas categorias, recebe um maior enfoque devido à abrangência de diferentes países envolvidos na disputa.

Este projeto apresenta como assunto a cobertura jornalística das modalidades esportivas femininas. Utiliza como veículos de pesquisa o jornal *Folha de São Paulo*, por ser o diário de maior vendagem no Brasil, e *O Estado de São Paulo*, pela sua tradição e importância no território nacional. O objetivo geral é analisar a evolução da cobertura jornalística dos esportes femininos na mídia impressa e verificar de que forma impressos paulistanos de referência abordaram a campanha das atletas femininas brasileiras durante o período escolhido, disputado na cidade norte-americana de Atlanta.

O período abordado na análise corresponde à Olimpíada de Atlanta, disputada em 1996, englobando-se desde o mês anterior (junho) até o posterior (agosto e o começo de setembro) ao evento. O motivo da escolha deve-se ao fato de essa Olimpíada ser a primeira em que atletas brasileiras conquistaram medalhas olímpicas: ouro (com a dupla de jogadoras de vôlei de praia Jacqueline & Sandra), prata (o time de basquete e outra dupla de vôlei de praia, Mônica & Adriana) e bronze (equipe de vôlei de quadra), e também por representar o centenário dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Além de estudar as matérias divulgadas pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, o trabalho compreende entrevistas realizadas com atletas (femininos e masculinos) e jornalistas participantes da competição, para entender, a fundo, de que maneira foram noticiados os acontecimentos esportivos na época. O trabalho apresenta, também, esportistas e jornalistas atuais como entrevistados, buscando investigar se houve alguma alteração no modo de abordagem e na divulgação dos eventos relacionados ao tema e dos seus resultados.

Como referencial teórico deste estudo, adotou-se a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, surgida na década de 1960. Com base no estruturalismo, a AD não se preocupa apenas com as estruturas, mas principalmente com o contexto e com o momento de produção da obra. A AD permite que se possa verificar os sentidos e as intenções das escolhas por certas palavras e imagens da obra como um todo, entender minuciosamente todo o conteúdo e todo o modo de se transmitir informação em um texto. Trata-se de um referencial teórico pertinente a este projeto, para que se possa entender melhor as matérias da *Folha* e do *Estado* publicadas no período de preparação das Olimpíadas de Atlanta de 1996 e durante a competição de fato. Desse modo, poderemos analisar o porquê da opção de determinadas fotografias, manchetes, títulos, olhos, janelas, textos, legendas e também a montagem da página de cada um desses veículos.

O início das análises de alguns artigos e livros juntamente com algumas entrevistas feitas, trouxe ao trabalho a idéia de que a mulher aparece, em grande parte dos casos, um menor número de vezes nas matérias jornalísticas do que o homem, quando o tema a ser tratado é o esporte. Isso porque, desde a antiguidade a mulher era tida como incapaz. Esse problema cultural e social não foi modificado facilmente. O Barão Pierre de Coubertain, responsável por implantar os Jogos Olímpicos Modernos, também era contrário à inserção da mulher na prática esportiva; dizia ele que:

*“A campanha feminista pela prática dos esportes pretende simplesmente a anexação de tudo o que até agora era do domínio do homem. Tecnicamente as atletas que se apresentam aqui e ali não exibem interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para o seu encanto nem mesmo para sua saúde. Entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres*

*esportivos do marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação física dos seus filhos.”* (Fonte: [www.ibge.org.br/ibgeteen](http://www.ibge.org.br/ibgeteen))

A luta por um espaço e pelo reconhecimento da mulher enquanto atleta durou muitos anos. No Brasil, Aida dos Santos foi a única representante brasileira no atletismo e a única mulher a participar da Olimpíada de Tóquio em 1964. Ela conquistou o 4º lugar em salto em altura, melhor marca do atletismo do Brasil até hoje em competições olímpicas, e manteve-se por 40 anos como o melhor resultado feminino individual brasileiro em Olimpíadas, apenas igualado em 2004 pela lutadora de Tae-Kwon-Do Natália Flavigna. Mesmo Aida tendo tanto sucesso, apesar das condições precárias em que participou da competição (não tinha tênis especializado nem uniforme) e conquistando o índice para os Jogos Olímpicos de 1968, ela foi impedida de participar dessa competição. A atleta chegou a declarar que não importava o sacrifício do corpo: o importante, para ela era usar o uniforme verde e amarelo, que lhe dava uma grande emoção. (Fonte: Exposição Aida dos Santos)

Hoje vigora a lei criada em 1941 e regulamentada em 1965, a qual define que:

*“Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.* (Decreto-lei nº 3199. Capítulo IX – Artigo 54, regulamentado em 1965)

Atualmente a mulher adquiriu uma posição de respeito no esporte; na Olimpíada de 1996 elas representavam 35,1% do total de participantes, enquanto que no ano de 1900, as primeiras competições olímpicas em que representantes do sexo feminino puderam participar, elas eram apenas 1,7%. A sua participação em eventos esportivos também recebeu um salto muito grande: em 1900, de 43 eventos, elas compareceram em apenas 3,5%. Já em 1996, de 271 eventos, as atletas femininas estiveram em 39,9%.

Apesar desse espaço conquistado, ainda persistem várias diferenças entre os sexos. O disco feminino para lançamentos pesa a metade do disco masculino. No ano de 1928, quando saltaram em altura pela primeira vez, as mulheres ficaram 35 centímetros abaixo da marca dos homens; em 1992 a diferença caiu para 32 centímetros. O campeão masculino dos 100 metros rasos em 1952, Lindy Remigino, fez a marca de 10s4; somente em 1992, a atleta feminina Gail Devers Roberts, vencedora da prova na Olimpíada de Barcelona, aproximou-se daquela marca, completando a prova com 10s82. Para entender o motivo dessas disparidades entre homens e mulheres, este estudo inclui ainda entrevistas com médicos especialistas em fisiologia, além de bibliografia específica sobre o tema.

A mídia como informante, poderia igualar as condições das mulheres aos homens; mas, na realidade, não acontece isso. As edições do jornal *Folha de São Paulo* estudadas até o momento dão menor enfoque às notícias com atletas do sexo feminino. As matérias são apenas notas no canto da página ou têm o texto com menos conteúdo e fotografias grandes, ocupando assim um grande espaço na página em que se encontra, mas que na realidade é somente para evidenciar o fato de naquele local ter uma referência às mulheres. O que acontece, na maioria dos casos, é a necessidade de usar a palavra “feminino”, pois o restante dos assuntos é todo retratado de atletas homens. A palavra “masculino” também aparece em algumas manchetes, mas em menor número.

Os impressos escolhidos preferem, também, escrever sobre os mais variados campeonatos masculinos e se ater, apenas, à temática feminina quando se refere à Olimpíada

de Atlanta-96 (revelações, amistosos, jogadoras convocadas). Muitas vezes trazem notícias que classificam as atletas a partir do rótulo de “mulher-objeto”. Um exemplo é a matéria “A Beleza Olímpica”, publicada na *Folha de S. Paulo* e que traz um ensaio fotográfico com poses sensuais de algumas das participantes brasileiras dos Jogos Olímpicos de Atlanta, juntamente com detalhes que enaltecem a vontade de a mulher delinear o corpo.

Durante o período estudado neste projeto, as atletas que mais se sobressaíram foram as jogadoras de basquete Hortência e Magic Paula, devido ao bom resultado da seleção brasileira na conquista do Campeonato Mundial em 1994. Esportes que não tiveram tanto sucesso ou não participaram de uma outra Olimpíada anteriormente não foram nem mesmo citados, como é o caso do futebol feminino brasileiro. Outros assuntos, como o fato de o jogador de futebol Edmundo ser pai do filho de uma modelo, recebem maior destaque, até mesmo na primeira página do jornal. Por outro lado, a reabilitação da jogadora de vôlei Ana Moser divide página com um grande anúncio publicitário.

Em suma, este estudo parte da hipótese de que a mídia prioriza a prática dos esportes masculinos, em detrimento das modalidades femininas. Entretanto, com o sucesso das atletas femininas brasileiras na Olimpíada de Atlanta, procuramos investigar até que ponto a cobertura dos jornais estudados apresentou alterações em função dos resultados esportivos. A pesquisa abrange, assim, a preparação e a divulgação dos resultados dos Jogos Olímpicos, comparando a *Folha* e o *Estado*, e verificando-se de que modo a ênfase sobre as categorias esportivas femininas se modificou ao longo da competição.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Helena. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. 2ª edição. Editora Ática. São Paulo, 1990.
- CARDOSO, Maurício. *100 anos de olimpíadas: de Atenas a Atlanta*. São Paulo: Scritta, 1996.
- COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2004.
- GOMIS, Lorenzo. “Do Importante ao interessante: ensaio sobre os critérios de noticiabilidade no jornalismo” IN: *Pauta Geral: Revista de Jornalismo*. Ano 9, nº 4. Salvador: Calandra, 2002.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. *Mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003
- LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática, 1993.
- LANCELLOTTI, Sílvio. *Olimpíada 100 anos: história completa dos jogos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1996.
- MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo. *Comunicação e esporte: tendências*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005.

PINTO, Milton J. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2001.

SIMÕES, Antonio Carlos Simões. *Mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003.

TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, Guilmar Mariz de; COELHO SOBRINHO, José. *Esporte e jornalismo*. São Paulo: EDUSP, 1997.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

**Prof. Dr. José Carlos Marques**

Rua Piauí, 143 – 2º Andar

01241-001 – São Paulo – SP

[zeca.marques@mackenzie.com.br](mailto:zeca.marques@mackenzie.com.br)

**Simone Marina Pompeu Coelho**

Rua Piauí, 143 – 2º Andar

01241-001 – São Paulo – SP

[si.marina@bol.com.br](mailto:si.marina@bol.com.br)